

II FUTURO II

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua de D. Pedro 5.º n.º 13. Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

PUBLICA-SE AS SEXTAS FEIRAS

NUMERO 137

BRAGA 30 DE OUTUBRO DE 1873

Porque será?

Ainda hontem eramos atados ao pelourinho do ridiculo e hoje já fumam diante de nós os thuribulos da lisonja. Ainda hontem tinhamos nos pulsos as algemas d'um longo e duro captivo e hoje já leves de similhante pezo podemos distender o braço e apertar a mão que nos dá os parabens. Ainda hontem mostravamos na face a nodosa infamante impressa com o ferrete d'uma ignominia immerecida, e hoje já se nos pôde ler no rosto o signal de alegre expansão e vivo enthusiasmo.

Porque será? Acaso o que hontem era crime transformou-se em virtude? Por ventura o que hontem se chamava injustiça hoje toma o nome de justiça? Talvez o que hontem era usurpação hoje chama-se legitimidade? Desde que a pernicioso theoria dos factos consummados lançára os alicerces de seu reinado, na sciencia e na legislação as ideias de direito e justiça desapareceram completamente da face da Europa. A maior corrente d'acontecimentos será a que envolverá em sua passagem maior numero de individuos. A revolução que hontem desmoronou um imperio, baqueou um throno, anniquillou um principio, modificou uma insituição, é para muitos o arbitro dos destinos da sociedade.

Todos lhe devem e homenagem; todos lhe devem prestar o preito da intelligencia e do coração. Se outra revolução maior, embora em sentido contrario, esmagar aquella e sob suas ruinas exaltar seu poderio é a esta que o mundo deve obedecer. E' assim que os revolucionarios de hontem nos olham. Depois de haverem por largo praso dominado a nossa situação hoje que esta lhes escapa a olhos vistos, começaram a olhar para nós como para escravos que breve vão ter os foros do senhor. Malditos principios que deram aos fa-

ctos o que deviam dar ás ideias, á força phisica o que era sómente devido á força moral.

Havemos de triumphar, porque somos defensores do direito e da justiça e estes não morrem, e não porque as revoluções se succedam mutuamente.

Havemos de triumphar, porque somos defensores da religião do Deus vivo, e esta ninguém a pôde anniquillar, e não, porque a sorte, nos chame a passarmos pela experiencia das cousas novas.

Havemos de triumphar porque somos defensores da independencia e nacionalidade de nossa patria e esta não é d'um partido sómente, mas de todos os seus filhos e não porque os acontecimentos da Europa sejam o unico meio da nossa restauração.

A respeito da restauração da monarchia hereditaria em França.

Sem prejudicarmos as ultimas noticias ácerca da resolução do partido monarchico sobre a bandeira, carta e constituição, damos publicidade a um artigo que nos deparou o excellente jornal o «Univers».

Parece-nos exigente de mais o celebre defensor dos direitos da Igreja e do throno; no entanto não deixa de ter alguma razão o grande escriptor, attendendo ás desmedidas concessões que os liberaes francezes pertendem de Henrique V.

Com a devida reserva o publicamos.

Um primeiro perigo ameaça a restauração monarchica, e esse perigo é o de ella não ser feita como deve ser. Até agora a situação está intacta: o conde de Chambord n'um manifesto ao povo francez proclamou solemnemente seu principio e seu direito: os principes d'Orleans submetteram-se ao rei: a assembleia nacional, em maioria, está decidida a restabelecer a monarchia, e o paiz, na sua maxima parte, deza-a e aceita-a: tudo va bem: os designios de Deus sobre a França executam-se.

Mas já o liberalismo se agita em redor do throno que a Providencia levanta. O mesmo erro que penetrou na Igreja

ataca a realza. Os partidarios do catholicismo liberal são tambem os fautores da monarchia constitucional. O rei é assalto por elles. Os liberaes procuram annullar o manifesto do conde de Chambord, desnaturar a submissão dos principes d'Orleans e trahir a monarchia. Não se contentam com receber o rei que Deus reservou á França, tal qual elle é, segundo o direito e a tradição; pretendem fazer um rei á sua feição e segundo suas ideias. Estes homens peccam contra o bom senso e não são fleis ao paiz.

A França que quer um rei, não tem em conta alguma a monarchia parlamentar.

Ainda assim, esses homens querem fazer prevalecer suas opiniões. Podem ser causa ou de que a monarchia se frustre, ou de que ella não seja o que deve ser. Ella se frustrará, se elles se obstinam em suas temerarias tentativas junto do conde de Chambord. O rei não pôde nem ceder nem transigir. Se cede depois de haver dito que era tudo por seu principio, fica sendo nada; se transige, comprando a realza por essa transacção, abdica seu direito.

O throno não pôde ser objecto de uma mercancia. Ninguém pôde dizer ao conde de Chambord: Dae-me a bandeira, dae-me a constituição e eu vos darei o throno.

Tal contracto é a negação do direito real. O rei é o rei. Poderemos querer receber-o ou não; mas não podemos pedir-lhe cousa alguma incompativel com seu titulo. Com um candidato a presidente da republica podem assentar-se condições: com aquelle que tem direito ao throno não se podem ellas fazer. Se reconhecemos o rei, a monarchia encontra-se constituída: a lei tradicional é a constituição. Pedir ao rei concessões que elle não pôde fazer, é pedir-lhe que não seja rei: solicitar-lhas em nome de interesses contrarios a seu direito é, para fazel-o reinar, prival-o das mesmas razões de reinar. Os liberaes tem todas as inconveniencias d'um erro inconsciente: sua utopia é quererem fazer a monarchia sem o rei.

Apesar de todos esses maneios, esperamos a monarchia com o rei. A agitação dos homens nunca se nos aligou mais

vã em face da acção soberana da Providencia do que n'estes ultimos tempos. Tudo o que se julgava impossivel se faz. A queda de Thiers foi um primeiro milagre, o restabelecimento do rei será um segundo.

«Ha momentos, diz o cardeal de Retz, em que os homens levantam os acontecimentos, outros em que os acontecimentos levantam os homens».

Presentemente é manifesto que os acontecimentos são mais fortes que os homens. Um conjuncto de circumstancias providenciaes prepara tudo com felicidade para a monarchia. E' o melhor motivo de esperarmos em sua proxima restauração.

¿O que vem a ser Henrique V?

As melhores armas para defendermos nossas ideias são as que nos proporcionam nossos inimigos.

Quando elles fallam d'um modo que nos é favoravel não podemos ter duvida de que o nosso triumpho é inevitavel. Eis o que nos leva a transcrever em nossas columnas um trecho do correspondente de Paris para o «Commercio do Porto».

Vejam-se a este espulho os que por ahí blasonam contra as monarchias legitimas.

«Os francezes voltam-se para o conde de Chambord, porque este principe possui e representa, no mais alto grau, aquillo de que tem a maior precisão: um typo, um symbolo, uma promessa de ordem, de dignidade, de boa fé, de direito razoavel, de obediencia, de disciplina, de subordinação e de estabilidade. Os francezes já estão cansados de grandes phrases, de argumentos scenicos e de poesia de taverna, que lhes tinha estragado o espirito antes de os lançar no abysmo ainda aberto onde desapareceram a nossa fortuna e a nossa honra. Esperam que a monarchia lhes dê alguma tranquillidade, e estimam a tranquillidade e a authoridade que lh'a dá. Ninguém os desviará actualmente d'este proposito.

Ouçõ dizer ao redor de mim que Henrique V virá para França com todos os

erros do antigo regime. Não acredito e posso estar tanto mais convencido do contrario, que leio esta manhã em todos os jornaes uma carta dirigida pelo conde de Chambord a um deputado seu amigo, o visconde Rodez de Benevent, que tem grande importancia nas actuaes circumstancias.

Como se vê, esta missiva responde victoriosamente a todas as calumnias tão grosseiras como vergonhosas que se espalharam entre o povo contra a monarchia, desde que o medo se apoderou dos radicaes e dos seus cúmplices, os republicanos, ditos conservadores e moderados. Vê-se em que termos o conde de Chambord respondeu a estas perdidas e infames insinuações. Eis o que se deprehende d'isto: os inimigos da monarchia não tem senão a mentira nos labios.

Resta a questão de bandeira. N'uma folha de Paris, o «Universo», lê-se o que se segue:

«Não é preciso escolher a bandeira tricolor, pela razão de que ella é, de facto, a bandeira da França. Não se escolhe aquillo que temos. A bandeira tricolor adquire posse; embora! Só a má fé ou uma insigne ignorancia attribuem ao conde de Chambord a ideia de arrancar a bandeira tricolor das mãos do exercito francez. Muitos jornaes citaram recentemente as palavras do conde de Chambord. O principe não afirma senão o seu direito de conservar a bandeira de sua familia, que foi a bandeira da França. Quem o censurará?»

A bandeira tricolor é a bandeira da revolução. Mas, nas mãos do exercito, não é senão a bandeira da honra e do valor francez. Diremos voluntariamente: Que o exercito conserve a sua bandeira, e que a constituição não intervenha em similhante assumpto. Nem o exercito nem o rei deporão a sua bandeira. O tempo e a experiencia mostrarão qual é a verdadeira bandeira da realza e da França; dissipar-se-ão honrosos prejuizos; e a reconciliação far-se-ha nos emblemas quando ella tiver lugar nas cousas.

Creio que assim fica bem resolvida a questão. Nada pôde impedir o conde de

minha e que eu era o senhor de transformar os seres. Lisongeador por esta ideia do poder, excitado pelo prazer, que tinha sentido, colhi um segundo e um terceiro fructo e não me cancei de exercer minha mão para satisfazer o meu gosto; mas uma languidez agradável, assenhoreando-se pouco a pouco de todos os meus sentidos entorpeciu os meus membros e suspendeu a actividade da minha alma. Julguei a minha inacção pela molleza dos meus pensamentos; as minhas sensações embotadas arredondavam todos os objectos e não me apresentavam, senão imagens fracas e ma terminadas. N'este momento, meus olhos, tornados inutes, se fecharam e minha cabeça não sendo mais sustentada pela força dos musculos, pendeu-se para encontrar um apoio sobre a relva. Tudo foi riscado, tudo desapareceu. O vestigio de meus pensamentos foi interrompido e perdi o sentimento da minha existencia. Este somno foi profundo, mas não sei se foi de longa duração; porque não tendo ainda a ideia do tempo não podia medi-lo. O meu despertar foi um segundo nascimento, sentindo sómente que tinha deixado de existir. Esta anniquillação que acabava de experimentar, me deu alguma ideia de temor e me fez sentir que eu não podia existir por muito tempo.

Eu me lembro d'aquelle momento, cheio de alegria e perturbação, em que senti pela primeira vez a minha singular existencia; não sabia o que era, onde estava e d'onde vinha. Abri os olhos, que augmento de sensação! a luz, a abobada celeste, a verdura da terra, o crystal das aguas, tudo me occupava, animava e dava um sentimento inexprimivel de prazer. Cri logo que todos estes objectos estavam em mim e faziam parte de mim. Affirmava-me n'este pensamento recente, quando voltei os olhos para o astro da luz: o seu esplendor me feriu; fechei involuntariamente as palpebras e senti uma ligeira dôr. N'este momento de obscuridade acreditei ter perdido todo o meu ser.

Afflicto, tomado de espanto, pensava n'esta grande alteração, quando immediatamente ouço sons: o cantico das aves, formava um concerto, do qual a doce impressão me deleitava até ao fundo da alma; escutei por muito tempo e me persuadi bem depressa de que esta harmonia era minha.

Attento occupado inteiramente d'este novo genero de existencia esqueci desde já a luz, esta outra parte de meu ser, que eu conheci primeiramente quando reabri os olhos. Que alegria a de me encontrar com a possessão de tantos objectos brilhantes! O meu prazer excedeu a luz, os que eu tinha sentido primeiramente e suspendeu por algum tempo o agradável effeito dos sons.

Fixei minhas vistas sobre mil objectos diversos, e soube bem depressa que eu

tinham ferido meus olhos me pareciam em em comparação, senão pontos luminosos.

Examinei-me por muito tempo, contemplava-me com prazer, seguia minha mão com os olhos e observava os seus movimentos. Tive além de tudo isto ideias as mais estranhas; julgava que o movimento de minha mão não era senão uma especie d'existencia fugitiva, uma successão de coisas similhantes; aproximei-me de meus olhos; ella me pareceu então maior do que todo meu corpo, e fez desaparecer a minha vista um numero infinito de objectos.

Comecei a suspeitar de que havia illusão n'esta sensação, que me era transmitida pelos olhos. Eu tinha visto distinctamente que minha mão não era senão uma pequena parte de meu corpo e não podia comprehendêr que ella fosse aumentada a ponto de me parecer d'uma grandeza extraordinaria. Resolvi então de me não fiar senão em o tocar, que me não tinha ainda enganado e de estar em guarda a todas as outras maneiras de sentir e de ser. Esta precaução me foi util: tinha-me posto em movimento e marchava com a fronte altiva e voltada para o ceo, mas de repente bati contra um palmeiro; cheio de espanto levei minha mão sobre este corpo estranho; eu o julguei tal porque me não deu sentimento por sentimento. Affastei-me com uma especie de horror e conheci pela primeira vez, que havia alguma coisa fóra de mim. Mais agitado por esta nova descoberta, do que tinha sido por todas as outras fiz esforços para me animar e depois de ter meditado sobre este acontecimento, conclui que devia julgar dos objectos exteriores, como tinha julgado das partes de meu corpo e que não havia senão o tacto, que pudesse assegurar-me a sua existencia. Procurei então tocar tudo o que via: quiz tocar o sol; estendi os braços para abraçar o horizonte e não encontrei senão o vazio dos ares. A cada experiencia que eu tentava, caía de surpresa em surpresa, porque todos os objectos pareciam estar igualmente perto de mim e não foi senão por uma infini-

dade de provas que intendi devia servir-me de meus olhos para guiar minha mão, e como ella me desse as ideias todas diferentes das impressões, que eu recebia pelo sentido da vista, minhas sensações não estando d'accordo com ellas, meus juizos eram mais imperfeitos e o total de meu ser era ainda para mim uma existencia em confusão.

Profundamente occupado de mim, do que eu era, do que eu podia ser, as contrariedades que acabava de experimentar me humilharam. Quanto mais experimentava mais duvidas se me apresentavam. Cansado por tantas incertezas, fatigado pelos movimentos de minha alma, meus joelhos se curvaram e encontrei-me n'uma situação de repouso. Este estado de tranquillidade deu novas forças aos meus sentidos.

Eu estava sentado á sombra d'uma bella arvore, os fructos d'uma côr vermelha descaíam em forma de cachos ao alcance da mão. Toquei-os com ligeireza e immediatamente se desprenderam do ramo como o figo se desprende no tempo da sua madureza.

Tendo tomado um d'estes fructos; imaginei ter feito uma conquista e vangloriei-me da facilidade, que sentia em poder conter na minha mão um outro ser inteiro. Seu pezo, ainda que pouco sensível, me offereceu uma resistencia animada, que tinha prazer de vencer. Aproximei este fructo de meus olhos e examinei-o na forma e nas côres. Um odor delicioso m'o fez aproximar mais; encontrando-se perto de meus labios, extrahi a longas aspirações o perfume, e gozei a longos tragos os prazeres do cheiro. Estava inteiramente cheio d'este ar embalsamado. Minha bocca se abriu para o exalar e se reabriu para o tornar a tomar. Senti que possuía um cheiro interior mais fino, mais delicado ainda do que o primeiro; em fim comi. Que sabor! Que novidade de sensação, até á qual eu não tinha experimentado senão prazeres; o gosto me deu o sentimento da voluptuosidade. A intimidade do gozo fez nascer a ideia da possessão. Julguei que a substancia d'este fructo se tinha tornado

minha e que eu era o senhor de transformar os seres.

Lisongeador por esta ideia do poder, excitado pelo prazer, que tinha sentido, colhi um segundo e um terceiro fructo e não me cancei de exercer minha mão para satisfazer o meu gosto; mas uma languidez agradável, assenhoreando-se pouco a pouco de todos os meus sentidos entorpeciu os meus membros e suspendeu a actividade da minha alma. Julguei a minha inacção pela molleza dos meus pensamentos; as minhas sensações embotadas arredondavam todos os objectos e não me apresentavam, senão imagens fracas e ma terminadas. N'este momento, meus olhos, tornados inutes, se fecharam e minha cabeça não sendo mais sustentada pela força dos musculos, pendeu-se para encontrar um apoio sobre a relva. Tudo foi riscado, tudo desapareceu. O vestigio de meus pensamentos foi interrompido e perdi o sentimento da minha existencia. Este somno foi profundo, mas não sei se foi de longa duração; porque não tendo ainda a ideia do tempo não podia medi-lo. O meu despertar foi um segundo nascimento, sentindo sómente que tinha deixado de existir. Esta anniquillação que acabava de experimentar, me deu alguma ideia de temor e me fez sentir que eu não podia existir por muito tempo.

Tive uma outra inquietação; e não sabia se tinha deixado no meu somno alguma parte do meu ser. Ensaiei os meus sentidos procurei reconhecer-me.

N'este momento o astro do dia, no fim do seu curso, apagou a sua luz. Percebi apenas que tinha perdido o sentido da vista e que existia muito para temer de cessar de existir, mas isto foi inutil porque a obscuridade, em que me encontrava, me trouxe a ideia do meu primeiro somno.

Buffon — Hist. Nat. do homem.

FOLHETIM

TRADUÇÃO

DE

M. ROQUE FAVARES

O primeiro homem narra a historia de seus primeiros movimentos, de suas primeiras sensações, e de seus primeiros juizos depois da criação.

Eu me lembro d'aquelle momento, cheio de alegria e perturbação, em que senti pela primeira vez a minha singular existencia; não sabia o que era, onde estava e d'onde vinha. Abri os olhos, que augmento de sensação! a luz, a abobada celeste, a verdura da terra, o crystal das aguas, tudo me occupava, animava e dava um sentimento inexprimivel de prazer. Cri logo que todos estes objectos estavam em mim e faziam parte de mim. Affirmava-me n'este pensamento recente, quando voltei os olhos para o astro da luz: o seu esplendor me feriu; fechei involuntariamente as palpebras e senti uma ligeira dôr. N'este momento de obscuridade acreditei ter perdido todo o meu ser.

Afflicto, tomado de espanto, pensava n'esta grande alteração, quando immediatamente ouço sons: o cantico das aves, formava um concerto, do qual a doce impressão me deleitava até ao fundo da alma; escutei por muito tempo e me persuadi bem depressa de que esta harmonia era minha.

Attento occupado inteiramente d'este novo genero de existencia esqueci desde já a luz, esta outra parte de meu ser, que eu conheci primeiramente quando reabri os olhos. Que alegria a de me encontrar com a possessão de tantos objectos brilhantes! O meu prazer excedeu a luz, os que eu tinha sentido primeiramente e suspendeu por algum tempo o agradável effeito dos sons.

Fixei minhas vistas sobre mil objectos diversos, e soube bem depressa que eu

Chambord de repetir como seu avô Henrique IV: «Segui o meu pennacho branco e encontrei-o heis sempre no caminho da honra. Mas nada impedirá o exercito de conservar as côres consagradas pela historia, pelas victorias e pelo espirito nacional.

Dentro de quinze dias ou, o mais tardar, de um mez haverá uma solução.»

1820-1873

«O menino do milagre, herdeiro do sangue d'um martyr, nasceu, cumprindo o seu tardio oraculo do ultimo suspiro.»

Na manhã de 27 de setembro de 1820, uma salva de 24 tiros deu a saber á França que os seus votos tinham sido ouvidos e satisfeitos. A noticia foi recebida com transportes phreneticos d'alegria, pois como que trazia o pôrvir, a esperança, a estabilidade, a paz.

«Eis aqui um gentil duque de Bordeus, disse o Rei, tomando a creança nos braços.

E', revolvendo o que a historia diz do nascimento de Henrique IV, esfregou-lhe os labios com alho, fazendo-lhe beber algumas gottas de vinho de Coração. O recém-nascido supportou aquella prova como o seu avô, sem a menor repugnancia. A augusta mãe disse a el-rei:

«Senhor, quizera merecer a ovação de Joanna d'Albret, para que tudo se passasse como no nascimento do bom Henrique.»

As aclamações da multidão resoavam por baixo das janellas da duqueza de Berry. O rei abriu-as, e tomando o menino, disse á multidão:

«Amigos, a vossa alegria centuplica a minha. A todos nos nasceu um filho. Este menino será um dia vosso pae e amarevos-ha como eu vos amo, como vos amam todos os meus.»

Em nome do Corpo Legislativo, o Nuncio de Sua Santidade pronunciou estas graves palavras:

«Este menino, de dôr e de recordações, é tambem o filho da Europa; é o penhor e garantia da paz e tranquillidade que devem seguir-se a tantas agitações.»

«Eu vejo, respondeu o rei, n'este acontecimento, o mais assignalado beneficio da Providencia e o penhor da paz que ella se digna conceder ao mundo.»

O arcebispo de Paris dizia na pastoral em que mandava se resassem ladainhas em acção de graças:

«Depois do favor assignaladissimo que coroa esse menino querido no meio de tantos golpes e infortunios, não devemos consideral-o como o precursor dos demais bens?»

Victor Hugo e Lamartine expressaram os mesmos sentimentos em magnificos versos, e o «Jornal dos Debates» terminava o sentido artigo descriptivo do dia 27 de setembro e do entusiasmo de todo o povo, com estas linhas:

«Enquanto a vós, augusto menino, objecto de tanto amor e de tantos votos, desejamos-vos as amáveis qualidades de vosso pae, a sua affabilidade, a sua bondade e os seus sentimentos caritativos. Mas que seja mais feliz o vosso destino! Apareceis deante das nossas vistas no meio das tempestades politicas, como a estrella da ultima esperança apparece ao navio que é brinco da tempestade. Que á volta do vosso berço se unam os esforços de todos os homens de bem; que n'esse augusto e sagrado berço se desfiam as conspirações dos malvados! Crescei para assignalar as virtudes da vossa familia e para consolar a dôr da mãe que vos concebera na dôr. Crescei para fazer feliz a este povo que com tanto jubilo e esperança vos tem recebido...»

Tu Marcellus eris...

Um philosofo, Maine de Biron, foi mais longe quando disse:

«D'este menino depende a sorte da França e da Europa.»

Mas que foi feito, ah! d'essas apreciações e votos pouco tempo depois? Para o principe foi um largo desterro; para a França, as revoluções, a derrota, as mutilações; para a Europa, as perturbações, a discórdia e a guerra!

E contudo, recordamos com gosto esses prognosticos porque, depois de se terem sustentado o nosso presentimento e alentado a nossa esperança, vão realisar-se.

Cheios de confiança em Deus, os amigos da França e do rei tem-se reunido todos os annos a 27 de setembro, ao pé dos altares, para procurar merecer a misericórdia divina. Parecia-lhes impossivel que depois de ter dado um herdeiro aos Bourbons em circumstancias tão extraordinarias, Deus não se servisse d'esse herdeiro, a seu tempo, para pôr termo aos infortunios do nosso paiz pela restauração da Monarchia christã.

Os labios e septicos podiam zombar de taes esperanças, seguindo a varia fortuna de tantos governos; mas muitos povos permaneceram firmes na sua fé e nós vamos ver realizados os nossos mais vivos desejos.

Quantas vezes, desanimados por esforços impotentes e pela difficuldade de reunir em um commum accordo os grupos conservadores, temos desejado um impulso, um exemplo!

Ha dez mezes diziamos: «A união do partido monarchico deve vir do alto. Nos grupos podem existir resentimentos e reservas e obstinações; na familia real só podem fazer-se sacrificios.»

E esperamos com tanta impaciencia como commoção esta noticia: «O conde de Paris está em Froshdorff.»

Pois bem. A 5 d'agosto, anniversario do dia em que ha 43 annos Odilon Barrot, ao conduzir Carlos X ao desterro, lhe disse: «Senhor, conservez este precioso menino, no qual estão depositados os interesses e destinos da França»; no dia 5 de agosto, o conde de Paris, realisando um pensamento generoso, ia a Froshdorff e saudava no conde de Chambord, em nome da sua familia e no seu nome, não só o chefe da casa de Bourbon, mas tambem o unico representante do principio monarchico em França.

O dia 21 de maio, que foi um dia d'união, de respeito, de esperança, devia ser e foi tambem para a França o ponto de partida de uma vida nova e o termo dos seus males.

O horizonte abre-se e renasce a confiança. E' que n'estes ultimos mezes, sob o impulso d'uma mão toda poderosa, se estreitam todas as distancias.

O imperador morreu; Thiers cabiu;

A republica conservadora veio. Que resta? A Republica sem epitheto e logo em seguida a Monarchia.

Pago e fora de França o estrangeiro; a Assembleia Nacional, expressão soberana da vontade da França, é chamada a legislar ácerca das suas instituições e a decidir qual é o governo mais conforme aos seus desejos, ás suas tradições, ao seu direito nacional, aos seus costumes e ás suas necessidades.

Toda a experiencia está feita e a eleição não é duvidosa.

A Assembleia proclamará a Monarchia e chamará o Rei, o principe em quem estão depositados os nossos destinos.

Esta será a hora de Deus.

E dos nossos corações, por tanto tempo opprimidos, sahirá o grito de resurreição e de esperança:

Viva a França!

Viva o Rei!

A republica divina

(CONTINUAÇÃO)

I

Na republica judaica Deus mesmo instituiu a constituição de Israel. Na historia do mundo, foi só esta a unica vez, em que se pôde dizer d'esse a Divina Vontade directamente, o que se pôde chamar uma forma de governo politico. Deus chamou com effeito um homem para o fazer legislador d'esse povo. A Moysés addeccionou um conselho para o ajudar no governo das tribus; guiou-o por sua inspiração na obra da legislação completa; instituiu tribunaes de justiça. Vejamos agora quaes eram os estatutos d'esta divina republica.

Eis a primeira lei de Israel «Escuta, ó Israel; o Senhor teu Deus é o Senhor unico». Assim era primeira lei da republica judaica a piedade para com Deus. A impiedade era crime capital e o criminoso lapidado. Depois vinham os crimes contra o povo, ou contra os seus chefes: esses eram punidos não só como offensas á sociedade, senão tambem a Deus mesmo. Assim não só o perigo social, mas o mesmo peccado formavam dobrado motivo para punir. Pesemos em nosso espirito estes dois principios e por ahí veremos quando a ordem civil do mundo tem renegado Deus.

Demais, quanto a justiça, a legislação divina era conjuntamente pontual, equitativa, cheia de misericórdia. Um homem, que achava de noite um ladrão entrando em sua casa por arrombamento, podia matal-o para defender a sua pessoa; mas depois do sol nascido seria um homicidio; tão delicadas eram as distincções legais. A sujeição violenta de alguém á escravidão era crime de pena capital. O peccado de adulterio, que as nações modernas não punem, como crime contra Deus, tinha pena igual, assim como o filho, que amaldiçoava seu pae ou sua mãe. Achavam-se assim protegidas pela sancção divina e pelos ultimos castigos as leis da moral domestica.

Passemos aos bens moveis e immoveis. De cincoenta em cincoenta annos, toda a terra, que, por venda, mudara de proprietario, voltava ao possuidor primitivo. Não se permitia a alienação de nenhuma terra, fosse de homem, familia ou tribu, por mais de cincoenta annos, o que tornava quasi impossivel o caso de pobreza permanente. Mais ainda, era prohibida a usura, isto é, tirar juro de uma quantia,

que o dono podia dispensar, e com a qual

extrahiria ganho dos necessitados. Se alguém pedia emprestado ao visinho, este não podia receber em penhor nem as mãos dos moinhos do mutuário, nem a roupa com que defendia do frio; e se o mutuante ficava com a tunica do mutuário durante o dia, devia entregal-a ao pôr do sol para o pobre dormir com o seu fato. La mais longe ainda a misericórdia; porque de sete em sete annos, isto é, no retorno do anno sabbatico, eram perdoadas todas as dividas e todo o devedor isempto de obrigação. Mas se alguém pobre pedia emprestado a um rico, era a este prohibido dizer em seu coração: Não empresto, porque se avinhal-o anno sabbatico. N'outros termos: o rico não devia reparar na proximidade do anno sabbatico para socorrer os irmãos necessitados. Em toda lei de Israel circula uma terna e divina compaixão para com o pobre.

Pelas colheitas era expressamente defeso apanhar todas as espigas, para ficar grande numero para a viuva, para o orphão e para o estrangeiro. Depois quando se transportavam os molhos, se esquecia algum no campo, não era licito voltar a buscá-lo, porque assim se tornara propriedade do pobre. Do mesmo modo na vindima e safra não deviam os Israelitas percorrer duas vezes as terras, porque o que restava da primeira era da viuva, do orphão e do forasteiro. Posso lembrar-vos tambem aquelle preceito da lei moisaica «Não deves açaimar o boi, que anda na debulha» preceito, onde fulgura uma piedade divina para com o animal mudo, que lavra o campo do homem.

Tal foi a constituição dada por Deus, quando, na ordem politica se fez legislador do seu povo. Os exemplos citados, garantem conclusão, de que a presença e vontade divina penetraram em todo sentido a republica judaica. Toda sua administração operava para assim dizer sob as vistas de Deus. Animava-lhe todas as minuciosidades o espirito de misericórdia, de justiça e de compaixão. Tal foi o estado de sociedade, dada por modelo na montanha do Sinai. Deu este estado, como exemplo, do que legisladores, reis e todos os chefes, em uma palavra, devem fazer no governo dos seus povos.

II

Vae servir de assumpto de nossa segunda pintura a republica christã.

No cap. 2.º dos Actos dos Apostolos lêmos:

«Que a multidão dos crentes formava um só coração e um só espirito; que ninguém dizia, que possuia alguma coisa como sua propria, que aquellos que tinham bens e terras os vendiam e depunham o preço aos pés dos Apostolos, a fim de ser distribuido pelos indigentes.»

Aqui vemos já os primeiros fundamentos da republica christã: eram todos irmãos e viviam em comunidade. Sobre o que, alguns, que torturam cu ignoram a palavra de Deus, fundaram o erro monstruoso de não dever haver propriedade entre os christãos; que tudo deve ser commum e abolidos todos os direitos particulares. Ora os proprios termos dos Actos dos Apostolos estabelecem o contrario. Lêmos com effeito, (V. 4), a proposito de Ananias e de Saphira, estas palavras de S. Pedro. «Não continuaria a ser vosso o valor d'essa terra, se o houvesseis querido guardar? E mesmo depois de a haverdes vendido não era tambem nosso o seu preço?» Assim Ananias conservava a propriedade e era reconhecido o seu direito de proprietario. O Evangelho não destruiu nunca os direitos de ninguém; temperou-os, santificou-os, protegeu-os.

O Evangelho nada legitimo aboliu; nem o que é illegitimo constituiu nunca em direito.

Na Epistola a Philemon este rico christão de Colosses, conhecido de S. Paulo, vemos que o Apostolo, havendo achado em Roma um escravo fugido. Onésimo de nome, o converteu á Fé christã. Ora, em vez de se apoiar, como teria podido, na lei divina para o emancipar e libertar, S. Paulo reenviou-o, a Philemon, com estas palavras textuaes: que não libertava Onésimo, por querer deixar ao seu senhor esta boa obra, desejando com effeito, que Philemon a praticasse. não por coacção, mas por livre benevolencia: que por isso lh'o mandava, não como simples escravo, mas como irmão no Senhor.

Aqui temos a prova, mais positiva, de que nenhuma violencia de auctoridade aboliu nenhum direito; mas que os homens, graças ao espirito de misericórdia e de compaixão, infundidas na ordem social e politica, faziam livremente e sem ostentação, o que sabiam ser ordenado pela lei perfeita de Deus.

A primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios conta-nos tambem o facto seguinte: no primeiro dia de cada semana pedia-se aos christãos que offerecessem, em plena liberdade, uma contribuição proporcionada aos bens que a Providencia lhes confiara. Logo eram elles proprietarios e davam, do que possuíam. A verdadeira prescripção da esmola, que circu-

la por todo o Evangelho, prova a existencia da propriedade. Como é, que se podia dar esmola sem se possuir alguma coisa? Digamos isto de passagem para nos prenumerarmos contra os erros da imprensa ou do discurso.

Havia pois entre os christãos uma comunidade frateraal. Não consideramos os seus bens como de seu gozo exclusivo. Quanto possuíam, viera-lhes da Bondade Divina, como a administradores encarregados de repartir com os indigentes seus irmãos.

E' isto tão exacto, que uma especial e sagrada, que ainda hoje existe na Igreja de Deus — a ordem dos diaconos — foi especialmente instituida para cuidar dos pobres. Consigna expressamente o livro dos Actos, que os sete diaconos foram ordenados para fazer distribuições de soccorros ás viúvas e a outros indigentes. Assim a ordem sacra, que assiste o celebrante nos santos Mystérios do altar, nasceu na lei da caridade. Tal é a republica christã, ou a Igreja e foi a sua presença, que infundiu o espirito da caridade na ordem civil e politica das nações.

Quando, o que se chama mundo, se fez christão, começou por aprender etse espirito de misericórdia. Os poderes e os chefes, d'antes despoticos, acharam-se instantaneamente, estropeados pela lei divina da piedade e da justiça. A obediencia dos subditos deixou de ser constringida e forçada para ser alegre e voluntaria. Depois os ricos já não podiam ser exclusivos, egoistas, luxuosos sob pena de violação da consciencia. As riquezas foram consideradas deposito. Mais ainda; o estado de pobreza foi desde então santificado e enobrecido pelo exemplo de nosso Divino Mestre, o primeiro e maior dos pobres; a pobreza tornou-se um estado sagrado na vida humana. Achou-se emfim introduzida uma igualdade em meio dos honiens.

As distincções de classes e as desigualdades da ordem social foram instigadas pelo espirito de compaixão, que equalava todos os homens, mas que não não nivelava nenhuma legitima desigualdade.

Nada cahia, mas elevavam-se os mais pobres á igualdade com os ricos n'este sentido, em se reconhecerem creados pelo mesmo auctor, resgatados pelo mesmo Espirito Santo, regenerados pelo mesmo baptismo, alimentados, ao mesmo altar, com o mesmo corpo e sangue de Jesus Christo. Eram iguaes aos olhos de Deus; deviam, um dia, comparecer ante o mesmo juiz para serem julgados pela mesma lei; sepultados a par no mesmo pó, que não differença a corôa da enchada, o sceptro da foice.

O grande nivelador não é o homem, é Deus; a graça e morte, as armas com que todos homens são nivelados. O espirito de caridade equaladando sobre a terra todas as classes, liga umas ás outras em mutua compaixão, em uma troca de affeições e de serviços.

Eis a verdadeira republica christã. E onde, caros irmãos; onde existe ella hoje?

Vou dizer simplesmente o que creio de todo coração e pela evidencia de meus proprios olhos.

Por minha experiencia pessoal posso affirmar, que não existe, ou mais exactamente, não existia em todo mundo christão um governo civil que, por seus principios, leis, espirito e por sua administração, fosse mais estreitamente conforme á antiga lei e á lei nova de nosso Divino Mestre, que o governo do Vigario de Jesus Christo sobre a cidade de Roma. Não fallo de ouvida; porque em Roma vivi por seis ou sete annos, divididos em diversos periodos, conheço Roma intimamente; conheço o seu povo; vivi com elle, conversando com elle livremente, com homens de todas as posições, superiores e inferiores; pois, declaro-o; não conheço nenhum governo tão justo, tão cheio de benignidade, de benevolencia, de compaixão; não conheço nenhum povo tão igual em seus direitos, nem sociedade, em que os abyssos que dividem as classes em todos os outros povos, sejam tão prehenchidos por uma sympathia universal; não conheço nenhuma raça perfeitamente; como os cidadãos de Roma uma republica comprehendendo os principios de fraternidade, de igualdade e de liberdade.

E contudo é contra esta cidade, contra o seu chefe, que a universal revolução anti-christã reuniu e lançou os seus invasores; é um tal chefe, um tal governo, que os reis, os principes, os ministros das nações christãs da Europa abandonaram!

E, seja temor, seja traição secreta (não me pertence decidil-o) esses ministros, esses principes, esses reis, olharão indifferentes esse abandono, trahindo todos e cada um o seu dever para com o chefe da Christandade.

Podereis, porém, perguntar-me:

Porque razão desviaram todos esses governos a sua face do governo do Soberano Pontífice? Não me embargo a resposta; porque aqui apparece a mais luminosa manifestação do reino de Deus sobre a terra. Roma é a séde do Vigario de

Jesus Christo, consequentemente o throno de seu Senhor entre os homens; é a cidade da Encarnação, a cidade do Santissimo Sacramento, a cidade de nossa Immaculada e Bemaventurada Mãe; é a Jerusalém da nova lei. Onde vem não me espantar, porque uma revolução anti social anti-christã, que recruta por toda parte adherentes — uma conspiração internacional contra Deus e o Seu Christo, contra seu Vigario e o seu Rei na terra — se concentra n'esta cidade unica e contra esta unica pessoa. Como disse, incluindo este assumpto, os falsos principios postos, ha vinte annos em movimento acabam de completar o seu circulo por ultrajante e sacrilega occupação de Roma, porque Roma pertence a Deus, ao Christianismo e não ao homem e á Itália.

(Continúa)

Centenario do Pontificado de Papa S. Gregorio VII

(Conclusão)

VI

O Papa S. Gregorio brilha e brilha como estrella scintillante no firmamento da Igreja. Elle foi o campeão e o homem indomavel enviado por Deus para defender não sómente a sociedade religioza mas a sociedade politica. A lucta que elle sustentou foi a lucta da liberdade da Igreja e da liberdade dos povos. N'ell' deves, decidir-se se o principe havia de governar nas consciencias a seu bel prazer, ou se usar dos povos a seu capricho, ou se havia de usar uma auctoridade superior, a que fosse subordinado no que toca á religioza e á justiça. O Pontificado de S. Gregorio VII foi pois o campo de um duello em Era o direito e a força, entre o principio christão e o pagão, entre a civilização e a barbárie. Por isso a Igreja e a sociedade não-de ser eternamente gratas ao Papa que com tanta energia sustentou a parte do direito, do principio christão e da civilização, e fortificado em Deus soube vencer.

Está n'isto o verdadeiro ponto da questão. Gregorio Giesebrecht, que attribuiu feitos grandiosos de Gregorio aos calens mesquinhos de interesses politicos, engraiam o santo e valoroso Pontífice corôa de inflammados de liberalismo, que o de morte o catholicismo, tentá diminuir a grandeza e escurecer a gloria do seu Pontífice. Eis em summa o que dizia Heine que a Gregorio: «ou rei, e como tal somente a Deus devo dar conta dos meus actos, sejam quaes forem: vós excommungastes e depuzestes de dignidades ecclesias e de vossos vassallos que eu n'ellas tinha e collocado, e com isto excluindo-me do governo da Igreja tendes offendido o direito da minha soberania; vós reprehendestes-me e excommungastes-me por causa do meu governo, e com isso offendestes a minha independencia absoluta; vós despezestes-me do throno, e com isso pizastes aos pés a magestade do soberano; e tanto em Henrique na minha qualidade de rei vos deponho do throno pontificio como deo d'estas perversidades. Estes são os principios, esta é a conclusão que se lê no decreto com que S. Gregorio foi pelo ciliabulo de Brixen condemnado á depoção. Mas estes são tambem principios do principe pagão, que era rei despotico e pa despotico, independente de toda a sua sens actos, senhor absoluto não me nas coisas religiosas que nas civis.

A tanta enormidade de principios punha Gregorio: A Igreja sendo por natureza e fim de uma ordem superior principado, não pôde de nenhuma maneira estar subordinada ás determinações do príncipe secular: por tanto toda a ingerencia d'este no governo d'aquella é uma violação iniqua feita á sua independencia. O effe da Igreja recebeu de Christo o poder judiciario supremo e universal na terra será ligado tambem no ceo, e tudo o que desatares na terra, será desatado tambem no ceo; portanto não está elle sujeito a nenhum poder sobre a terra. Não é sim quanto ao principe christão. Christo confiou a Pedro, e n'elle a todos os seus successores o poder de apascentar e julgar todos os fieis sem excepção alguma: portanto o principe christão pertencendo a numero dos fieis está subordinado ao príncipe supremo, e ao juiz supremo da Igreja no que toca a este encargo, isto é, a coisas da religioza e da moral. D'isto se se: 1.º que o principe christão, como está sujeito ás leis da Igreja; 2.º violando-a está sujeito e ás penas estabelecidas pela sua suprema auctoridade; que podendo violar a religioza e a moral não só como pessoa privada, mas tambem como pessoa publica, deve estar sujeito ao mesmo tribunal debaixo de ambos os aspectos. Assim discorria o Papa S. Gregorio com os outros Papas da idade média.

Mas depunham os reis, e isto com direito? Naquelle tempo povos e príncipes eram todos catholicos, e por isso e outros igualmente sujeitos ao Papa referido modo. Duas eram as causas

os Papas procediam ao grande acto de deposição, uma religiosa, outra moral politica. Imaginae que um rei, tornando-se hereje, se tivesse dado a perverter...

stencão equivale a abandonar o que pertence a Deus. As eleições terão, por conseguinte, um caracter distincto das antecedentes...

Noticias de França.

O «Monde» de 19 diz: «Julgamos poder afirmar que está feito o accordo entre o sr. conde de Chambord e os deputados que foram a Salzburgo...

Por sua parte o conde de Chambord não pede ao exercito o abandono d'uma bandeira sob a qual elle tem ha tanto tempo combatido. Mais que ninguem...

O essencial é que hoje o rei e a maioria da Assembleia, havendo-se estendido em tudo o que respeita á salvacão do paiz...

— A «Union» publica o seguinte a respeito do que algumas folhas, mormerte o «Figaro» (hoje legitimista), tem escripto sobre o resultado da conferencia de Salzburgo:

«Fs boatos espalhados pela imprensa tem sido muitas vezes causa de grandes difficuldades, mas os jornaes sérios bem conhecem que o desejo de responder ás preocupações publicas deve sempre ser temperado pelo receio de prejudicar, extraviando a opinião, as causas que tem a firme vontade de servir.»

— Estas reflexões nos são inspiradas por certos artigos publicados esta manhã em bastantes jornaes de Paris e principalmente no «Figaro».

Temos os mais sérios motivos de esperar, antes de fallar, pelos resultados do trabalho da commissão nomeada pelas quatro reuniões monarchicas.

Diz o «Jornal des Debats»: «Depois da conciliação que se operou entre as duas grandes fracções do partido conservador, não podemos duvidar de que está seguro o restabelecimento da monarchia por uma sufficiente maioria na assembleia.»

Quando o «Jornal dos Debats» escreve isto, tambem nós não podemos duvidar de que a opposição nada pôde.

Um jornal muito sério e insuspeito, escreve ainda a este respeito o seguinte: «Não ha duvida de que á proporção que se aproxima o termo fatal, a divisão augmenta entre os revolucionarios, e a boa intelligencia ganha forcas entre os monarchicos.»

O «Memorial diplomatico sabe de boa fonte» que Chambord participou aos gabinetes dos grandes estados europeus que não tencionam, no caso de subir ao throno, perturbar a politica das potencias nem o statu quo territorial da Europa.

Noticias de Hispanha.

Em data de 8 escrevem de Estella ao Times: D. Carlos chegou aqui hontem trazendo consigo 6 novos batalhões, e o que é muito importante tambem, consideravel quantidade de munições.

4.500.000 cartuchos desembarcaram na semana ultima em Biscaia, e mais de metade d'elles estão actualmente em Navarra. Era grande o entusiasmo do bom povo de Estella, tornando a ver o seu principe. Quando D. Carlos chegava e se apegava, saudavam-no os estrondosos repiques dos sinos, aos quaes vinham ajuntar-se

as estrepitosas aclamações da multidão: depois subiu logo a uma janella que dava para a praça por onde deviam passar as tropas.

Sua Magestade podia assim passar revista aos ousados e intrepidos soldados da Navarra, e os regimentos d'Alava, não menos bravos, mas peor armados e vestidos.

O general Ollo com seu estado maior foi o primeiro que passou e o saudou; seguiam-no diversos batalhões de Navarra.

Causava dó ver como alguns tinham reduzidas suas companhias depois da batalha de Mañeru (Puente la Reina): o segundo batalhão, de Radica ou de Calderon, como lhe chamam frequentemente, havia perdido no combate mais de 100 homens entre mortos e feridos, mas os que restavam bem pareciam dispostos a marchar para a morte, como quando n'aquella acção seu chefe lhes ordenou que carregassem sobre 8 mil republicanos.

Os regimentos d'Alava estavam tambem reduzidos n'uma proporção medonha.

A infantaria passou com muita regularidade, attento o pouco tempo que tem estes homens de vida militar, depois veio a artilheria: cada canhão era tirado por uma mula e a respectiva caixa por uma outra.

A attenção foi geral, quando os artilheiros se aproximaram do ponto da saida, porque aos tres primeiros tiros das peças carlistas se attribue o subito pânico que n'aquelle combate se apoderou das fileiras republicanas e a subsequente victoria das armas realistas.

Depois da revista o general Ollo apresentou a D. Carlos muitos de seus officiaes que se tinham distinguido durante a acção.

O Rei estava muito satisfeito com a victoria e me disse que sentia muitissimo não haver chegado a tempo de tomar parte activa no combate.

Parece que havia sido mandada ao general Ollo a ordem mais expressa de recusar combate antes da chegada de reforços; mas o mensageiro perdeu-se e o general navarro só recebeu a carta, depois de haver disputado e ganho a batalha.

Mas ao passo que os carlistas passam revista a 10 mil homens, em Estella, qual será o proximo movimento? Todos fazem esta pergunta. A resposta deve depender dos movimentos de Moriones...

— A partida do general carlista Santés compõe-se de 3 infantas e 40 cavalos. Sua organização é perfeita, e tem mais disciplina que a de Cuelca ou Vallés. Os officiaes desde o general ao ultimo alferes não tem mais que 8 reales diarios e uma ração de pão.

As praças de pret seis reales e pão. Quando pernoitam em alguma povoação obrigam os habitantes a que os alberguem e lhes deem de comer.

— Fundou-se em New-York uma associação intitulada Associação de S. Miguel, que tem por fim socorrer os zuavos que em Hispanha combatem por D. Carlos.

— Grande parte dos americanos que foram camaradas de D. Alfonso em Roma tem partido para Hispanha.

— Das cartas de Madrid de 22 e 25 para o «Direito»: Hoje dá conta a «Gaceta» do governo republicano d'um notabilissimo triumpho que acabam d'aleancar os carlistas na Catalunha.

Segundo os despachos recebidos no ministerio da guerra de Madrid, a columna do tenente coronel Matorana, na força de mais de 800 homens e uma peça de montanha, foi destruida nas visinhanças de Pradés, (Tarragona) pelas forcas carlistas de Cercós, Miret e Tristany no dia 19 do corrente. Já no dia 18 havia tido um encontro desgracado a dita columna, e no dia seguinte ao reconhecer o campo, encontrou-se com os carlistas commandados pelos ditos chefes, os quaes esperam o fogo ás 11 horas da manhã, envolvendo de tal sorte a columna nas tres horas que aquella teve que render-se.

A parte official diz que não se sabe de forma positiva se morreu ou caiu prisioneiro o chefe da columna sr. Maturana. O brigadeiro Salamanca, que chegou com a columna em soccorro de Maturana, teve que retirar-se a Reus em precipitada fuga. Os carlistas depois da acção entraram na importantissima povoação de Valls.

Creio que esta nova victoria que Deus dá aos que defendem a sua santa causa hade trazer muito boas consequencias para os carlistas catalães.

— Outro successo ultimamente dado e que mais tem chamado a attenção, é a entrada dos carlistas em Caspe, a segunda das cidades aragonezas pela sua importancia, e não menos satisfação causa a entrada de 3.500 carlistas e 80 cavalos, commandados pelo general Santés, na cidade de Cuenca, capital da provincia, e que não se acha muito distante de Madrid.

D'uma carta da dita cidade copio o que segue:

Querido amigo

«Não pôde-se figurar o espanto dos liberaes e a alegria dos carlistas ao entrar Santés nesta cidade. Os poucos volunta-

rios que tentaram resistir, tiveram por fim que ceder diante dos valentes carlistas, que depois de tomar a casa de beneficencia, se fizeram immediatamente senhores da povoação. Levaram um trimestre de contribuição, o dinheiro que havia na succursal do banco, o tabaco da Administração de estancadas, os uniformes dos voluntarios e charanga do Hospicio. Tambem levaram os mancebos da reserva. Uniram-se-lhes aqui cerca de mil homens.

—No norte houve dous encontros favoráveis aos carlistas. Entrincheirados estes no dia 14 nas alturas de Villahona (Guipuz) reconheceram com descargas cerradas os republicanos, que intentando tomar a povoação de Villahona, tiveram que retirar-se com perdas consideraveis. Dous dias antes havia tido lugar outro encontro em que o brigadeiro Loma saiu muito escarmentado. Não hão de passar muitos dias sem que Bilbao caia em poder dos carlistas.

O «Boletim da guerra» da Provincia de Alava diz o seguinte:

Ordem geral do dia 9 de outubro de 1873

VILLATUERTA

Voluntarios

«O commandante general da Navarra em parte que levou ao nosso honroso, magnanimo e querido monarca, faz um justo elogio do nosso comportamento na batalha de Mañeru do dia 6 e Navarra toda agradece o concurso generoso que lhe haveis prestado. O mesmo Rei entusiasta como nenhum e que comprehende melhor que ninguem a dignidade e o valor, fallou-me hontem dos seus alavezes com a effusão do carinho mais terno, encarregando-me vos desse em seu real nome as mais sinceras graças.

A vossa querida Alava contempla-vos com orgulho, as vossas mias, a par que dirigem ao ceo sinceras graças pela conversão das vossas vidas, verterão lagrimas de prizer pela heroicidade dos seus filhos, e até os vossos inimigos, se circula nas suas veias sangue guerreiro, fallarão de vós com o respeito que merece o valor, porque o valor é uma das virtudes que mais engrandecem os homens e os povos. Eu tambem estou satisfeito e felicito-vos em nome das vossas dignas auctoridades os vossos commandante general e deputado de guerra, mas para que a Europa fixe um olhar carinhoso nos vossos feitos, tornando completamente sympathica a causa santa que defendemos e a historia registre com caracteres d'ouro os vossos esforços, é preciso que sustenteis o valor com perfeita disciplina, o que conseguireis sendo subordinados, obedecendo cegamente a quem vos commanda e tendo um comportamento digno nas povoações, pois assim o quer o vosso commandante general interino.

Mendi.

O ex.^{mo} sr. D. Rodrigo Ignacio de Varona, deputado de guerra e esta M. N. e D. L. provincia, que pelas necessidades do serviço não pôde encontrar-se ao lado dos seus alavezes, possuido do nobre entusiasmo que estes lhe inspiram, os saud affectuosamente e orgulhoso da seu comportamento na batalha de Mañeru, lhes dá as graças desde o intimo do seu coração.

Acabo de ver a seguinte carta do commandante carlista de Villareal, Alava:

Villareal, 22 d'outubro

«Querido amigo

Reconcentradas as forcas carlistas e republicanas em Estella e Talalla respectivamente, nada de particular succedeu, occupando-se os batalhões navarreses, alavezes e biscainhos na manobra de fazer e desfazer os quadros contra a cavallaria e já o fazem perfectamente.

O melhor chegou por fim, desembarcando em Ondarroa 40 mil armas, sete peças d'artilleria, as lotações de munições correspondentes e grande numero d'uniformes.

Sem outro particular, etc.

José Portarva.

Um distincto medico militar que ha pouco chegou do norte diz-me pouco mais ou menos o seguinte:

«Eu não sou carlista; mas venho admirado do entusiasmo, da fé, da disciplina dos batalhões de D. Carlos. Creia que todo o exercito da Hispanha é impotente para os vencer.

Estando em Puente La Reina, recebi uma carta d'um chefe carlista, pedindo-me que fosse fazer algumas operações nos seus hospitales. Fui com effeito e presenciei raios de admiravel abnegação.

Os prisioneiros republicanos feridos estão assistidos como os carlistas. Tentam estes com paternal solicitude os feridos. Respira-se ali tal atmosphera de caridade e de patriotismo, que attrae e encanta.

Cobreei a Rada e posso affirmar-lhe que é o typo mais completo do militar e

do cavalheiro com quem tenho tratado em toda a minha vida. Emfim, meu amigo, apesar do meu liberalismo, não posso deixar de prestar um tributo de respeito e admiração ao exercito carlista.

—As noticias da Catalunha continuam a ser favoraveis. Hoje annuncia-se que o illustre general Saballs, conde d'Alpens, está atacando Paigueró, depois de ter obtido uma victoria sobre as hostes liberaes; que Tristany persegue com grande actividade as columnas republicanas de Franch e Salamanca e que é certa a morte do coronel Matorana na acção de Pradés ou Valls. As particularidades acerca d'esta acção são interessantes.

Uma pequena partida carlista foi atrahido a columna republicana até ao ponto em que a esperava Tristany com as suas forcas. Cabiu aquella no laço tão perfectamente, que ao intentar defender-se, se viu cercada de numerosas forcas carlistas, que a destroçaram totalmente. O batalhão de caçadores de Barcelona ficou fóra do combate, podendo-se só escapar uns 40 ou 50 soldados, que lançando fóra as armas, procuraram a sua salvacão em uma precipitada fuga. Todos os mais ficaram mortos, feridos e prisioneiros. Cabiu em poder dos carlistas toda a artilheria que levava a columna.

SECCÃO NOTICIOSA

Um voto de gratidão. — Celebrouse no dia 21 do corrente, na igreja dos Congregados, como tinha sido annunciada pelos jornaes d'esta cidade, a Missa de requiem por alma do ex.^{mo} Manoel de Magalhães Araújo Pimentel.

Assistiram a este acto religioso não só a illustrissima familia do finado, a dignissima Meza da Irmandade de N. S. das Dores, grande numero de jovens legitimistas, proprietarios d'este jornal, como muitissimos cavalheiros pertencentes á politica contraria.

A Missa, mandada dizer pela redacção d'este jornal, foi celebrada pelo redactor o rev.^o Manoel Ferreira Marnoco e Sousa.

Houve tambem, n'esse mesmo dia, na mesma igreja, por occasião d'este suffragio, um officio e missa mandados celebrar pelo dignissimo abbade de S. Lazaro.

Testemunhos de tão valiosa amizade como este não deviam ficar em esquecimento; e nós que nos prezamos de ter sido amigos do illustre finado d'aqui tributamos a homenagem de respeito e gratidão que devemos ao dignissimo abbade de S. Lazaro, já por nos conceder licença ampla para o suffragio que fizemos, já pela sua inexcedivel prova de reconhecimento á amizade e qualidades tanto do illustre finado como da distinctissima familia á que pertencera.

Não podemos passar em silencio o modo honroso e cavalheiro com que o dignissimo juiz da Meza de N. S. das Dores, o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Dr. Francisco de Campos acolhera o nosso officio de convite. S. ex.^a prestou a ultima homenagem de respeito ás excellentes qualidades do illustre finado.

Agradecemos a sua assistencia e serviços n'este acto religioso.

A mocidade legitimista de Braga, essa pleiade de mancebos generosos e dedicados que até hoje não se tem poupado a trabalhos em defeza da causa da religião e da patria, não se contentou sómente em acompanhar o cadaver do seu muito amigo Manoel de Magalhães quando este ia caminho da Gandarella, mas multiplicou em redor do finado os testemunhos de sua sincera amizade e viva saudade.

Gravou na primeira columna d'este seu jornal um artigo necrológico, onde a sua amizade e reconhecimento correram parelhas com as qualidades e caracter do illustre finado.

Demonstrou em toda a parte a pena que sentia com a perda do valeroso e prudente campeão.

Agrupou-se em redor do sacerdote, que nas aras do Deus vivo offerecera a victima expiatoria, e alli mãos erguidas, joelhos dobrados, oram pelo descanso eterno d'aquelle que passava os dias da vida nas lides espinhosas da Cruz.

Os seus mais proximos companheiros nos trabalhos da causa tres vezes sagrada, os illustrissimos membros da Commissão Districtal legitimista, tambem lhe vieram render pela segunda vez, a nosso convite, a homenagem de seus respeitos, amizade e reconhecimento.

A estes cavalheiros honradissimos o nosso mais vivo agradecimento.

A todos os nossos votos de sincera amizade e verdadeiro reconhecimento.

Concurso e despacho. — Fez concurso a uma cadeira de lente na Universidade em Coimbra o ex.^{mo} sr. Luiz Maria da Silva Ramos. Foi approvado por unanimidade.

Damos parabens a s. ex.^a não só pela nobilissima posição a que se elevou, como pelo brilhante exame em que muitissimo se distinguiu. Não era d'esperar outra coisa de s. ex.^a Por muitas vezes tivemos occa-

são de o admirar, já no pulpito de que era modelo, já na cadeira de moral que regia no Seminário de S. Pedro d'esta cidade.

Sabemos também, que s. ex. mereceu que o dignissimo bispo de Coimbra lhe desse uma cadeira no seu seminário. Novo motivo para maiores parabéns.

Congratulamo-nos, pois, com s. ex. e toda sua ex. familia.

Polícia correccional. — No dia 28 do corrente foi chamado a uma policia correccional o estudante André Paulo de Sá por motivo das troças no Lyceu em occasião dos exames finais.

O juiz o ex. sr. Antonio Roberto de Araujo Queiroz condemnou o dito estudante a 15 dias de prisão remidos a dinheiro, e a pagar as custas.

Ainda não vimos a justiça tão atropelada como n'este acto. O sr. juiz condemnou este estudante dando valor ao depoimento d'uma unica testemunha d'accusação e não fazendo caso algum de tres testemunhas de defeza.

A testemunha d'accusação era o sr. alferes Castro.

Não sabemos se os leitores se lembram d'aquelle celebre dia em que a auctoridade mandou prender tudo quanto se achava nos claustros do Lyceu; de modo que ficaram prezos estudantes, paes de estudantes, padres etc., etc. Depois d'isto chegou-se a auctoridade ao pé d'um estudante, olhou para elle, viu-o rir-se e concluiu: é este o que fez troça, amotinou etc., etc. Temos em voga a theoria das bocas de Gal e da phrenologia de Camper! *Risum teneatis!* Lá porque um ponto se está a rir e tem cá para a bexiga, segue-se que é elle o actor da patuscada! Ora esta!

Isto é proprio de certas auctoridades de Braga!

D'aqui dizemos á auctoridade competente que o referido estudante foi prezo e condemnado injustamente não só porque não foi elle que fez troça, mas até porque a lei manda que sejam tres as testemunhas d'accusação, e o sr. Castro, como alferes em serviço, valia apenas por duas testemunhas. Logo falta uma, isto é que é logico.

Se o estudante fosse filho d'algum lord então não se prendia como tem acontecido muitas vezes, e se se prendesse era *pro forma* e depois era solto e absolvido. Temos muitos exemplos, e breve chegará o dia de lhe darmos publicidade.

Festa. — No dia 9 de novembro na igreja do Hospital de S. Marcos, haverá uma esplendida festa a S. Sebastião. Haverá de manhã Missa cantada e de tarde sermão E' orador o reverendo Marnoco.

Uma justa reclamação. — Temos por algumas vezes pedido á Ex.ª Camara que illonine a parte da rua da Boa Vista que está ás escuras. Fazemos de novo esta reclamação, porque se tem dado alguns factos que, como o tínhamos previsto, exigem de prompto a medida que imploramos. Um d'estes dias foi agredido um nosso amigo, habitante da dita rua. Queriam provavelmente tirar-lhe o relógio e relíquia. Resistiu com um revolver por duas vezes e foi isto o que fez com que o larpapio ou larpapios escondidos nas trevas dessem ás de Villa Diogo.

No seguinte numero daremos minuciosamente as circumstancias que acompanharam este facto.

Não cessaremos de gritar á Ex.ª Camara que tome as providencias precisas para que a rua da Boa Vista seja toda illuminada.

Associação Catholica. — Em cumprimento do artigo 40.º dos estatutos d'esta Associação, no qual se diz que «na 1.ª sexta feira posterior á commemoração dos fieis defuntos, haverá em todos os povos onde exista a Associação uma Missa com communhão geral voluntaria pelo descanso eterno dos socios fallecidos», no dia 7 de Novembro, pelas 9 horas da manhã, na igreja do Carmo celebrar-se-ha uma missa de *requiem* a que devem assistir todos os socios.

Em virtude do Rescripto Apostolico, ultimamente dirigido á Associação Catholica do Porto, é concedida a indulgencia plenaria a todos os socios d'um e d'outro sexo, confessados e commungados que visitarem uma igreja designada pelo Ordinario no dia acima dicto, com fsculdade de aggregar a si uma qualquer associação do mesmo Instituto e fim.

Com este intuito já se fez a petição á do Porto, cuja resposta affirmativa se espera por estes dias; e por isso se assentou em meza que na noite, vespera do dia 7, estariam alguns redv.ºs ecclesiasticos na casa da Associação para ouvirem de confissão aquellos socios que quizerem aproveitar-se d'esta graça, assim como na manhã do mesmo dia 7 haverá também confesores na dita igreja do Carmo para o mesmo fim.

Contradição liberasta. — O governo italianissimo ao mesmo tempo que expede decretos sobre decretos prohibindo romarias, procissões e festas de igreja com o pretexto da cholera, faz um convite a todos os homens de letras para que se reunam em congresso scientifico em Roma. «Se isto não é guerra aberta não sómente á religião, mas ainda á boa fé, á

logica e á honestidade, digam-n'o os leitores: são as palavras com que a *União Catholica* fecha a noticia; e mal poderiam ser outras. Os *vespertinos* porém saltam de contentes em vista do proceder despotico de seus irmãos italianissimos. Isso não é o que mais nos admira; o que nos admira sobre tudo é que ainda extranhem haver catholicos que não gostem da sua raça diabolica de liberdade, que se não fosse o mesmo que o despotismo, seria irmã gêmea da tirannia.

Doas promessas. — Marcos Minghetti, actual presidente de ministros do chamado reino d'Italia, escreveu ha dias ao syndico de Legnanò que «o governo saberá executar firmemente as leis.» Em 1864 o mesmo Minghetti escrevia a Napoleão III:

«O governo saberá executar firmemente a convenção Italo-franca, respeitando o territorio pontificio.»

Da primeira firmeza dever-se-ha julgar da segunda?—pergunta a «União Catholica».

Fallecimento. — No dia 21 do corrente falleceu em Sancta Quiteria de Méca, o sr. Francisco Xavier de Lemos Castello Branco, da casa dos viscondes do Real Agrado, sendo victima de uma lesão no coração.

Era irmão do distincto poeta e prosador o sr. João de Lemos.

Ao sr. João de Lemos e a sua familia damos os pezames por esta perda.

A respeito da carta de Thiers ao maire de Nancy. — «Thiers, que em Bordeus proclamava a actual Assembléa como a expressão mais genuína da vontade da vontade da França, Thiers que n'essa assembléa tudo deveu ao apoio dos monarchicos, que n'elle viam não só o homem que com louvavel previsão combate a guerra, senão também o ministro da monarchia que trahindo a causa que antes sustentava, precipitava ha um anno a proclamação, a consolidação da republica, rompendo as treguas dos partidos, hoje se queixa dos monarchicos que o teriam votado presidente vitalicio, mas que não podendo, como elle, abdicar os principios de toda a sua vida, não queriam por sua parte constituir a republica.

O adversario dos plebiscistos, o encomiasta da soberania da assembleia diz em sua notavel carta a Nancy e á França que a camara constituinte não tem direito a fazer o que só compete á nação soberana. Como então podia ella constituir definitivamente a republica.

Uma vez mais o ministro de Luiz Philippe declara que a republica é o unico governo capaz de unir, em face d'um interesse commum, os partidos tão profundamente divididos; o unico que póde falar á democracia com sufficiente auctoridade, lembrando-lhe que sua reaparição restabeleceu o credito, a ordem, a fazenda, o exercito, resgatou o territorio e cicatrizou todas as feridas da guerra.

Elle pela sua parte diz que está preparado para defender não só a republica, senão também todos os direitos da França, suas liberdades civis, politicas e religiosas, seu estado social, seus principios que, proclamados em 1793, chegaram a ser os do mundo inteiro, sua bandeira, emfim, debaixo da qual o universo os conhece, e que, quer vencedores, quer vencidos, cobriu sempre de gloria seus soldados.

Porém esta divisa, diz Thiers, por queirida que seja dos francezes, não bastaria, se nos fossem arrebatadas todas aquellas coisas a que serve de emblema, porque de todas essas coisas sagradas não nos bastaria a imagem, mas sim a realidade. e a bandeira tricolor, servindo só para encubrir a contra-revolução, seria a mais odiosa das mentiras.

Esta linguagem váe direita a todas as paixões exaltadas pela lucta: mas deveria Thiers fallar-a? não receia que se veja n'elle, em vez do republicano convicto, o ambicioso á presidencia da republica?»

COMMUNICADOS

Sr. redactor.

Peço-lhe o favor de inserir no seu muito lido e acreditado jornal, as seguintes linhas, pelo que desde já me confessarei summamente grato.

Ha homens que pelo seu orgulho e opulencia se arrojam a praticar actos tão aviltantes, sómente dignos de sua pessoa e indignidade.

O heroe d'este communicado é um sr. ex-director abastado proprietario da *Villa de Monsão*, que no fim do mez de setembro clamava e balbuciava contra os paes dos jovens escolasticos, em uma loja mui acreditada d'essa villa e juntamente contra a illustrada classe do clero.

O sr. ex-director que desconhece totalmente a illustração, a instrução e educação do clero, nem quaes augmentos os progressos dos estudantes nas lides escolares, tem o descaramento de se apresen-

tar em uma casa estranha, provocando e insultando duas classes nobres e distinctas perante optimos e respeitados cavalheiros.

O sr. ex-director deve lembrar-se que n'essa terra o clero é illustre tanto pelas suas affaveis maneiras, como agradaveis qualidades, e por isso seria inutil e ridiculo attingir simillhantes sandices proprias de pouco caracter e dignidade. Não menciono os escolasticos do concelho em geral, mas sómente os da villa, todos bemquistos e d'uma educação esmerada, como tem demonstrado nas suas visitas, por occasião de ferias, nem do clero que muito honra essa terra.

Espero que o sr. ex-director não continue a praticar simillhantes asneiras porque irá d'encontro ao melindre de quem vive tranquillo, mas que em taes lances se apostará em campo para refutar identicas petulancias.

Alerta, Monsanenses, com simillhante vcspa!

Braga, 28 de outubro de 1873.

Um espectador.

EXPEDIENTE

O escriptorio d'administração d'este jornal é na typographia Lusitana n.º 3, rua Nova, para onde devem ser remetidas as assignaturas e seus pagamentos.

Tudo o que diz respeito á redacção deve ser remetido para casa do redactor — rua de D. Pedro V n.º 13.

O correspondente do *Futuro* em Guimarães, é o proprietario da *Livraria Internacional* o Illm.º Sr. José Antonio Teixeira de Freitas, a quem deve ser saísfeito o importe das assignaturas d'aquella localidade, e de mais assignantes a quem convier.

AGRADECIMENTOS

Maria Gracinda da L. T. Marinho Falção de Vasconcellos, Angelica de Vasconcellos, Jeronymo Pimentel e Augusto Pimentel extremamente penhorados pelas provas de consideração que receberam de todas as pessoas que lhes prestaram serviços por occasião do incendio na manhã de 9 do corrente, e que por esse motivo os cumprimentaram, a todas agradeçem tantas finezas e protestam a sua gratidão. (b-134)

ANNUNCIOS

SAUDE A TODOS por meio da deliciosa farinha salutar a *Revalesciere du Barry* de Londres. (Vendida actualmente *testada*, não necessita mais que um ou dois minutos de cozimento.)

Os esqueletos de 28 companheiros do grande explorador das regiões polares, sir John, Franklin, encontrados mortos de fome apesar de possuirem muitos sacos de chocolate puro e cacau, são outros tantos testemunhos terriveis e evidentes que affirmam que o chocolate puro não contém nenhum principio nutritivo, sem a addição da *Revalesciere*. E' para evitar estes grandes defeitos e proporcionar a todo o mundo o uso do chocolate com as melhores condições salutaras, que offerecemos ao publico a *Revalesciere chocolata* (premiada por sua magestade a rainha de Inglaterra) DU BARRY de Londres, producto maravilhoso em si.

O kilogramma (a 1\$400 réis) d'este chocolate alimenta melhor do que 10 kilogrammas de chocolate ordinario, de tal modo que lhe é preferivel a todos os respectos. De todos os remedios empregados até hoje para os adultos e creanças fracas do estomago ou enfermos, nenhum ha mais effizoz do que este especifico com tanto mais motivo que não produz nenhuma azia no estomago, e tomando-o pela manhã e de tarde restabelece as funções naturaes do corpo e do estomago, por mais que tenha muita difficuldade em digerir, e á pessoa mais decaida de força, presta-lhe um novo vigor até então desconhecido. Um sem numero de pessoas muito respeitaveis, depois de terem empregado inutilmente outros remedios e terem perdido toda a esperança de recuperra a saude, devem a sua cura exclusivamente ao uso do nosso remedio e tem mandado certificados de agradecimento aos proprietarios em Londres.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm.—Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Banharía, Viuva Desiré Rahir, rua de Cedeifeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharía 63 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna

do Castello, Afonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. Serzedello & C.º Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em *Pernambuco*: Ferreira, Maia & C.º, rua Duque de Caxias. (B)

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escriptivo Simão de Araujo Esmeriz, corre uma acção de separação de pessoa e bens requerida por Claudina Ferreira, do lugar da Bica, freguezia de Cabreiros, contra seu marido Domingos de Azevedo do mesmo lugar e freguezia, cuja acção foi distribuida em audiéncia de 27 do corrente. O que se annuncia para dar cumprimento á lei.

O solicitador

(135) Manoel Joaquim Antunes.

FOLHINHAS BENEDICTINAS

Acham-se á venda, para o anno de 1874, no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3, no Porto na casa costumada. Preço 240.

ORAÇÃO GRATULATORIA

Que no solemne Te-Deum celebrado na Santa Sé Primacial de Braga, pelo faustissimo 27.º anniversario pontifical do SS. Padre Pio IX, no dia 21 de Junho de 1873, pronunciou o presbytero José Vieira de Sousa Coutinho, abba de S. Silvestre de Requião.

Vende-se no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3; rua do Souto na Livraria Catholica, Germano, Bracarense, e Chardron, Guimarães na Livraria do Sr. Freitas, a S. Damazo, e nas mais do costume. Preço 60 rs.

AGENCIA EM MACAU

Caldeira & C.º

Tem estabelecimento na rua Central, n.º 28, aceita consignações, e incumbese de negocios nas repartições publicas e no foro judicial, e de transferencias de dinheiro entre Portugal, Macau, Hong-Kong e outros portos da China.

Dão-se informações, em Lisboa, rua Augusta 93, e no Porto, rua da Fabrica, 27 a 31.

OS DIFFAMADORES DO CLERO CATHOLICO

PELO

Abba de Tonissoux

Traduzido por A. M.

Preço 200 rs.

A' venda na Livraria Internacional de Eugenio Chardron, Largo de S. Francisco n.º 4, Braga.

PORTUGAL

NA SUA DECADENCIA

OBSERVAÇÕES POR

Um Amigo da Patria

E DADO A LUZ POR

L. F. de Castro Soromenho.

Vende-se por 120 em Lisboa na rua da Condessa n.º 58, 1.º andar.

DISCURSO

PRONUNCIADO NA 1.ª ACADEMIA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA DE BRAGA QUE TEVE LOGAR A 22 DE JUNHO DE 1873, POR OCCASIÃO DO XXVII ANNIVERSARIO DA ASCENÇÃO AO THRONO PONTIFICO DO

SS. PADRE PIO IX

PELO

P.º José Joaquim de S. Freitas.

Vende-se em Braga na rua Nova n.º 3, e nas livrarias Catholica, rua do Souto, Germano, Bracarense, e Chardron. Nas livrarias Catholica no Porto, Praça de D. Pedro n.º 131 e em Lisboa na rua dos Capellistas n.º 82, Guimarães, na do sr. Freitas, a S. Damazo. Preço 80 rs.

LIVRARIA

DE

EUGENIO CHARDRON

Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1\$400 — Genio do Christianismo, 2 vol. 1\$500 Cardéal Wissemann - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 1\$500 Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 1\$200 Roquette - Homelias e Sermões . . . 1\$800 Guillois - Explicação litteral e moral

das Epistolas e evangelhos, 2 vol. *Veuillot* - Vida de Jesus Christo 1. vol. Padre Marchal - A mulher como deveria sel-o, 1 vol. Padre Gaume - Onde estamos? 1 vol. Vozes propheticas, ou Apparições e predições etc., tracção do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. Todos estes livros são remetidos franco pelo correio.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

POR

Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão.

Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante e Sernache do Bomjardim—Administrador dos negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—cretario do bispo de Bragança—Deputado legionario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões—tarmarinas—Bispo eleito e confirmado Macau—Sagração do bispo d'Angra—racter do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 pitulos com as rubricas: Analyse do latorio que procede do decreto de 21 setembro de 1870 (que reorganizou o minario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Effeitos do novo regulamento Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua Ouro; Catholica, rua dos capellistas; Mequita, em Coimbra; Catholica no Porto e nas principaes de Braga, Bragança, Liria e Guimarães.

A MAÇONARIA DESMASCARADA

OU

COLLECÇÃO D'ALGUNS ARTIGOS

DO

ECCO DE ROMA.

Esta interessante obra, a melhor se tem publicado para conhecer os da *maçonaria* e os males que ella causado á sociedade, é um volume de 300 paginas, e acha-se á venda nas principaes livrarias de Lisboa e Porto nas principaes livrarias do reino e Bragança.

Em Braga na Livraria Catholica, do Souto n.º 39, e em Guimarães na Internacional, Editora, a S. Damazo n.º 89 e 90. Preço edição superior. Inferior

O MILAGRE

E

A CRITICA MODERNA

OU

A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES

Opusculo offerecido á Associação Catholica Portuense

PELO

P.º José Joaquim S. Freitas.

O producto da venda d'este opusculo foi applicado e offerecido por seu author para as despesas do Monumento da Immaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, suburbios de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campos dos Touros), n.º 17, a quem se podem fazer as requisições que os pertendentes quizerem; os srs. livreiros que desejarem porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento.

Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terras do reino. Preço em brochura 100 com estampa da gruta. 160

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

E

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos,

POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

Vende-se em Lisboa, na Livraria Catholica, J. A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha.—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado, Preço 300 reis.